Liderado por Bolsonaro, Cemitério Brasil é empreendimento com muitos sócios

21/03/2021 09h13

Da estratégia eleitoral ao seu desprezo pela vida, as razões que levaram Jair Bolsonaro a transformar o Brasil em ameaça sanitária global, sopa de novas variantes de covid e cemitério a céu aberto do mundo são conhecidas. Por isso, em algum momento, será condenado pelos tribunais e pela História. Contudo, não podemos esquecer que todo massacre é também um empreendimento coletivo.

E que empreendimento! Sábados eram dias em que a morte dava a ilusão do descanso porque a capacidade de testagem para covid é reduzida. Neste sábado (20), o pior de toda pandemia, tivemos 2.331 óbitos registrados. Segundo o cristianismo, no sétimo dia, o criador descansou. Mas o vírus, não, o vírus nunca descansa.

Bolsonaro não seria capaz de fazer tudo o que fez sozinho. Sempre houve idiotas gritando, nas ruas, palavras bizarras que são levadas pelo vento. As dele, porém, encontraram eco, resposta e apoio. Fincaram raízes.

O presidente teve ajuda, o presidente tem ajuda. De psicopatas, de oportunistas, de covardes, de pusilânimes, de pessoas que se preocupam apenas com sua felicidade, seus projetos e seu lucro enquanto uma montanha de mortos se ergue no horizonte.

Eles estão em toda parte. Podem ser encontrados nas mesas diretoras da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Nos gabinetes de tribunais pelo país. Nos corredores palacianos, usando farda ou terno. No chão dos quartéis ou em chefias das Forças Armadas e das polícias. Em eventos e coquetéis com carreiristas que fazem o que for necessário para chegar ao STF. Em terras griladas, desmatadas e contaminadas por agrotóxicos. Nos garimpos ilegais em áreas indígenas. Pelos púlpitos de certos templos e altares de algumas igrejas. Em confortáveis salas de operadores do mercado financeiro. Na porta de um comércio cobrando por segurança em territórios de milícia. Em protestos contra máscaras e vacinas e a favor de vermífugos. Comprando armas e munições para o momento em que o mito precisar. Em megabaladas clandestinas, enquanto a morte dispara. Ou, algumas vezes, nas nossas próprias famílias e grupos de WhatsApp.

É cômodo pensar que o ódio se resume a uma única pessoa que contaminou as demais. Isso tira a culpa coletiva e simplifica um processo que inclui papéis como sócios, aliados, vassalos, seguidores e enganados. Por isso, Bolsonaro é causa, mas também consequência, sua necropolítica não é uma falha e im um projeto de vários grupos que, às vezes, nem se bicam.

Ele não sai, seja renúncia ou impeachment, não só porque o Brasil está letárgico devido ao isolamento social e à longa pandemia ou porque conseguiu a simpatia de uma parte

dos trabalhadores pobres por conta do auxílio emergencial no ano passado. Há uma parte do país que se reconhece nele e que nele reconhece um bom negócio.

O processo de parceria é diferente do processo de manipulação. É compreensível que a covid gere um sentimento de impotência em uma parcela da população diante da falta de informação sobre os efeitos e o tratamento - afinal, é uma doença nova e que ainda está em estudo. Isso abre espaço para que líderes demagógicos preencham as lacunas, mesmo com mentiras, e apontem soluções que não resolvem. Parte da população abraça essas soluções em busca de alguma coerência para suas vidas. E toma vermífugos que não matam vírus, só vermes.

A boa notícia de uma releitura da filósofa alemã Hannah Arendt, se é que há uma, é que quando um movimento como esse cai, muitas pessoas podem mudar seu comportamento. "Embora estivessem antes dispostos a morrer como robôs (...), abandonam calmamente o movimento como algo que não deu certo e procuram em torno de si outra ficção promissora, ou esperam até que a velha ficção recupere força."

Quando chegar esse momento, muitos sócios, aliados e vassalos do presidente vão dizer que foram enganados por ele como parte dos cidadãos comuns também foi. Outros vão negar que fizeram o que fizeram. E, calmamente, pularão de um barco para o outro, como ratos em um naufrágio.

Será um esforço grande, mas necessário, lembrar cada um que poderia ter feito algo para impedir a continuidade desse massacre, mas preferiu seus cálculos políticos e econômicos. E dar a eles o mesmo destino do presidente, na Justiça e na História.

Leonardo Sakamoto - Colunista do UOL
https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/
É jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em países como Timor Leste e Angola e violações aos direitos humanos em todos os estados brasileiros. Professor de Jornalismo na PUC-SP, foi pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York (2015-2016), e professor de Jornalismo na ECA-USP (2000-2002). Diretor da ONG Repórter Brasil, foi conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão (2014-2020) e comissário da Liechtenstein Initiative - Comissão Global do Setor Financeiro contra a Escravidão Moderna e o Tráfico de Seres Humanos (2018-2019). É autor de "Pequenos Contos Para Começar o Dia" (2012), "O que Aprendi Sendo Xingado na Internet" (2016), ?Escravidão Contemporânea? (2020), entre outros livros.